



BRICS 2026 - Implicações para um mundo multipolar

Recentemente, o Ministro francês para a Europa e Assuntos Exteriores, Jean-Noël Barrot, durante um encontro com o Ministro das Relações Exteriores da Índia, Dr. S. Jaishankar, fez uma observação interessante: a França preside o G7 (do qual a Índia é membro permanente há mais de uma década) e a Índia presidirá o BRICS em 2026. Ambos os parceiros estratégicos têm grande potencial de cooperação para fortalecer o multilateralismo. Ambos os países acreditam e compartilham dessa visão. O Presidente Macron enfatizou ainda: "A Índia será a Presidente do BRICS. Quero trabalhar com a Índia para construir pontes. Os países do BRICS não devem se tornar anti-G7 e o G7 não deve se tornar anti-BRICS". Isso reconhece a crescente influência do BRICS, a multipolaridade emergente e a necessidade de abordagens colaborativas em vez de conflituosas. De fato, existe uma possibilidade real de convergência em um cenário ideal, visto que o G7 domina as finanças globais, a tecnologia e os serviços de alto valor agregado, além de controlar importantes instituições e moedas globais. Enquanto os BRICS podem ser o novo eixo para o crescimento econômico com commodities, consumo e vastos mercados, com manufatura e mão de obra, e são parceiros-chave nas cadeias de valor globais, a parceria estratégica entre a Índia e a UE será ainda mais fortalecida com a assinatura do Acordo Comercial e a visita da liderança da UE como convidada de honra neste Dia da República de 2026 – uma distinta honra e afirmação de uma parceria especial.

Essa declaração é significativa, visto que o unilateralismo se tornou a principal moeda de troca. No discurso internacional, o exemplo mais recente é a mudança de regime na Venezuela e a saída do presidente Trump de 66 acordos ou organizações internacionais. A aliança transatlântica também atravessa um período de tensão sem precedentes. Portanto, o desejo por conexões inter-regionais entre os mini-grupos e os plurilaterais não é surpreendente. Em todo caso, a Índia, sendo membro fundador do BRICS e do QUAD, supostamente em dois extremos opostos do espectro, acredita-se que o BRICS não seja antiocidental, mas sim uma alternativa não ocidental que represente as aspirações transcontinentais das principais

economias e países do Sul Global, com a China e a Rússia como membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU. A Índia pode facilmente se tornar uma ponte confiável e uma facilitadora de pontes entre os diversos grupos que dividem o Leste, o Oeste e o Norte, dadas as suas abordagens inclusivas e universalistas consagradas em ... âmbito da política externa de 'Vasudhaiv Kutumbakam' - o mundo é uma família.

Desde que o banqueiro de investimentos americano Jim O'Neil discorreu sobre as economias promissoras e emergentes do Grupo BRIC, com o Brasil em destaque, Rússia, Índia e China, cresceu para dez membros, com várias potências médias, incluindo a África do Sul. Etiópia, Egito, Irã, Indonésia e Os Emirados Árabes Unidos. A Arábia Saudita mantém o interesse e continuam participando das reuniões, enquanto a Argentina, sob sua nova conjuntura política pró-EUA, decidiu não participar. Na Cúpula de Kazan, também foi decidido que os membros associados seriam considerados países parceiros, visto que mais de duas dezenas de países já participaram. Diversas nações expressaram um profundo desejo de aderir ao BRICS, que adquiriu uma nova importância em uma ordem mundial conturbada.

Os BRICS representam quase metade da população mundial, sendo a Índia o país mais populoso e com recursos humanos excepcionais; além disso, respondem por quase 40% do PIB global, comparando-se favoravelmente com o G7 – China e Índia liderando o grupo econômico. A Índia, sendo a economia de grande porte que mais cresce no mundo, recentemente ultrapassou o Japão e se tornou a quarta maior. O grupo é composto pelos maiores produtores e consumidores de energia, além de possuir uma invejável posição de destaque. Peso em minerais e tecnologias críticas. O grupo acredita no respeito mútuo e nos interesses em comum. com sistemas e abordagens política e economicamente divergentes Ela goza de grande peso diplomático e de enorme escala.

A Índia, na qualidade de presidente em 2026, sediará a Cúpula do BRICS e um grande número de reuniões setoriais, abrangendo áreas como comércio, conectividade e moeda. e contraterrorismo e cultura para tecnologia e fintech, Educação, pesquisa e desenvolvimento, medicina tradicional e intercâmbios de jovens e esportes. Uma busca fundamental para os BRICS e a Índia é a urgência e o imperativo de reformas institucionais globais, especialmente no que diz respeito à ONU e ao Conselho de Segurança da ONU, que correm o risco de se tornarem irrelevantes, tendo sido relegados a mentalidade o período pós-Segunda Guerra Mundial: vencedores e vencidos no contexto de poderes de veto do P-5. . Além disso, para o Presidente Trump, impulsionado por sua base eleitoral MAGA, a instrumentalização de instrumentos financeiros deveria ser uma via de mão única, e sua

prerrogativa, a desdolarização, a grande linha vermelha. Os cinco países originais do BRICS já estão na mira dos EUA, incluindo Rússia, China, Índia, Brasil e África do Sul os comprimem em seu jogo de tarifas elevadas e irracionais.

O BRICS busca oferecer uma alternativa viável, livre de dominância e imposição, especialmente no contexto da cooperação Sul-Sul, apesar de seus membros variarem desde as maiores democracias até estados totalitários. Sua diversidade interna, porém, reforça a multipolaridade e a variedade de opções. O grupo desafia a hegemonia ocidental ao proporcionar um ambiente cooperativo e consensual mais benéfico, juntamente com instituições como o Novo Banco de Desenvolvimento. Há um esforço para criar uma nova moeda do BRICS, sobre a qual países como a Índia ainda não estão convencidos, embora essa tendência tenha sido iniciada devido a sanções unilaterais e agressivas e à instrumentalização de instrumentos financeiros, forçando o resto do mundo a se proteger por meio de transações em moedas nacionais. Essa tendência poderá se tornar um importante multiplicador da multipolaridade no futuro.

Em vez de uma arquitetura de segurança global única, a multipolaridade promove sistemas de segurança regionalizados : os cinco membros originais do BRICS desempenham papéis variados na dinâmica de segurança regional – a Rússia molda a dinâmica de segurança da Eurásia; a China domina os cálculos estratégicos do Leste Asiático; a Índia exerce influência no Oceano Índico, no Sul da Ásia e no Sul Global em geral; o Brasil e a África do Sul atuam como estabilizadores regionais. Essa descentralização reduz a uniformidade global, mas aumenta a competição entre potências regionais , por vezes intensificando a instabilidade local. Isso também apresenta um desafio interno, já que as potências concorrentes dentro de uma organização, incluindo o BRICS, podem retardar o processo de integração e bloquear projetos hegemônicos.

Curiosamente, a Índia também está programada para sediar a Cúpula do QUAD em 2026 com os EUA, o Japão e a Austrália, apesar de alguma incerteza. Isso proporciona à Índia uma oportunidade única de esclarecer certos equívocos e, ao mesmo tempo, reduzir as lacunas criadas por jogos de soma zero, por meio de uma melhor compreensão e cooperação entre os grupos e campos considerados rivais. Os desafios globais exigem solidariedade global.

O BRICS não visa substituir a ordem mundial vigente, mas sim remodelar a matriz colaborativa multipolar. Este é um processo em curso, porém uma força potente que continuará a se fortalecer enquanto os países poderosos

recorrerem à hipocrisia e minarem as próprias instituições que criaram por meio de abordagens unilaterais e focadas em um único objetivo. A Índia é uma voz da razão e acredita na superação das divisões por meio do diálogo, da diplomacia e da reforma das instituições existentes, e não necessariamente em sua substituição.

Em 2026, essa política continuará mesmo durante a presidência indiana do BRICS, enquanto a Índia trabalha pela multipolaridade e pelo multilateralismo, que estão sob séria ameaça. O primeiro-ministro Narendra Modi redefiniu o BRICS de forma muito precisa, definindo-o como "Construindo Resiliência e Inovação para Cooperação e Sustentabilidade". Ele acrescentou ainda que "condenar o terrorismo deve ser um princípio, e não apenas uma questão de conveniência".

(Anil Trigunayat é ex-embaixador da Índia na Jordânia, Líbia e Malta e atualmente é um membro ilustre de prestigiados centros de pesquisa como a Fundação Internacional Vivekananda e o Instituto de Serviços Unidos da Índia.)

(Embaixador Anil Trigunayat)